

Três propostas para um novo Bretton Woods

Consenso é que o sistema de supervisão da economia global precisa mudar

Érica Fraga

• A teoria do presidente Fernando Henrique de que é preciso criar um novo Bretton Woods — referindo-se à conferência de 1944 que deu origem ao Fundo Monetário Internacional (FMI) — já é consenso na economia. Segundo o economista e deputado federal (PPB-RJ) Roberto Campos, já existem três propostas para a criação de um novo mecanismo de supervisão financeira global.

Uma delas, a do economista americano James Tobin, da Universidade de Yale, defende a criação de um imposto internacional. Os recursos serviriam de suporte para os países necessitados.

— Este imposto seria como a nossa CPMF. O problema é que os países que não recolhessem o imposto virariam uma espécie de paraíso fiscal — explicou o deputado.

Outra tese defendida por alguns economistas, segundo Campos, é a reformulação do próprio FMI, que reassumiria seu papel de con-

trolador da estabilidade mundial determinado logo após a Segunda Guerra Mundial. O FMI começou a se enfraquecer em 1971, quando o presidente americano Richard Nixon, pressionado pela inflação decorrente da Guerra do Vietnã, desvinculou o valor do dólar do padrão-ouro, que havia sido fixado como garantia da estabilidade.

— O inconveniente de o FMI voltar a ser intervencionista é que isso sacrificaria a soberania dos países — afirmou Campos.

O megainvestidor húngaro-americano George Soros defende uma terceira medida, que seria a criação de uma agência especial de seguros e créditos onde seriam depositadas cotas determinadas para cada país. Estes teriam fluxo de capitais garantido, mas perderiam o direito a crédito caso se endividassem acima do limite estabelecido. A adesão ao sistema seria voluntária, e os países devedores pagariam seguro de crédito.

— Esta é a melhor proposta porque não regulamentaria muito a economia, mas garantiria uma certa estabilidade — disse Campos.